

GINÁSTICA NO BRASIL: ausência na escola x ascensão na academia

Cintia de la Rocha Freitas¹
Anderson Simas Frutuoso²

RESUMO

A ginástica, enquanto manifestação da cultura corporal e conteúdo fundamental da Educação Física vêm, ao longo dos anos, perdendo espaço nas aulas de Educação Física escolar no Brasil, e ascendendo nas academias de ginástica. Assim, o presente estudo tem como objetivo gerar reflexões em relação à ginástica no ambiente escolar e nas academias de ginástica, buscando explicações para estes rumos indesejados seguidos em nosso país. É preocupante o fato da Educação Física escolar brasileira restringir seu conteúdo ao esporte, deixando de lado a ginástica e outros temas da cultura corporal. É também incômodo o vínculo da ginástica de academia com o consumo característico da sociedade atual. Os currículos não têm acompanhado a dinâmica da construção histórica do universo de conhecimento da área da Ginástica. Os docentes têm apresentado uma visão tecnicista, com dificuldade para visualizar os aspectos pedagógicos da ginástica. Nesse sentido, percebe-se a urgência em se ampliar a abordagem dos conteúdos da ginástica nos cursos de formação inicial em Educação Física.

Palavras-chave: Ginástica; Educação Física; Escola; Academias de Ginástica

-
- 1 Doutora em Ciências do Movimento Humano. Professora do Departamento de Educação Física / UFSC. Florianópolis/Santa Catarina, Brasil. E-mail: cintiadelarocha@gmail.com
 - 2 Mestre em Educação Física. Professor do curso de Educação Física/UDESC e Professor de Educação Física na Educação Infantil da Prefeitura Municipal de São José/Santa Catarina, Brasil. E-mail: andersonsimoca@hotmail.com
- O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização. Os autores declaram não haver de conflitos de interesse de natureza pessoal, comercial, política, acadêmica ou financeira, bem como não haver interesse financeiro relacionado ao material do manuscrito.

INTRODUÇÃO

A Ginástica é uma manifestação da cultura corporal e um conteúdo fundamental da Educação Física que embasa toda a atividade desportiva praticada pelo homem contemporâneo (SOUZA, 1997). A mesma tem sua compreensão definida por duas formas de informações: os meios de comunicação de massa, em especial, a imprensa diária e a televisão, que destacam a ginástica artística (olímpica), modalidade esportiva competitiva nacional e internacional; e as experiências próprias nos espaços públicos, sendo a escola e, ocasionalmente, também os clubes (HILDEBRANDT-STRAMANN et al., 2009). Além dessas, evidencia-se também a ginástica de academia, que ocupa amplo espaço nas diferentes cidades do Brasil (HANSEN; VAZ, 2004).

Um fato evidente na atualidade brasileira é o desaparecimento da Ginástica nas aulas de Educação Física Escolar, já abordado em uma série de estudos (NISTA-PICCOLO, 1988; AYOUB, 2004), que buscaram compreender os motivos da ausência dessa prática na escola. Em contraste com esse fato, observa-se a ascensão da Ginástica de academia. Considerando o imenso valor de ambas para o desenvolvimento do ser humano, este artigo objetiva revisar os aspectos relevantes abordados pelos estudiosos em relação à Ginástica escolar e à Ginástica de academia, e suas reflexões sobre o tema. Não se pretende aqui, valorizar uma e/ou desvalorizar a outra, mas apontar o que a literatura apresenta acerca do tema. Procura-se, também, apresentar propostas destacadas pelos pesquisadores para “manter viva” e valorizada essa prática, independente do contexto em que é desenvolvida.

A ginástica na escola

Constata-se que a Educação Física, como parte integrante da educação, foi alvo de grande atenção no Brasil, ao longo do século XIX. Iniciativas para a inclusão de Educação Física nas escolas ocorreram, gradativamente, por todo o país, sendo os exercícios ginásticos apontados como principais meios para educar física e moralmente os indivíduos. Durante muito tempo, a Educação Física na escola foi sinônimo de ginástica (AYOUB, 2004).

O parecer de Rui Barbosa a respeito do projeto de “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares de instrução pública”, em 1882, confere grande destaque à ginástica. Ao tratar do tema, Rui Barbosa afirmou, entre outras ideias, que a ginástica deveria ser obrigatória. Assim, os diferentes Métodos Ginásticos Europeus foram introduzidos no Brasil. O exercício ginástico, principalmente o de orientação militarista, constituiu-se como referência básica para o desenvolvimento da Educação Física na instituição escolar (MARINHO, 1954). A ginástica surge nas escolas primárias do Brasil devido à imposição da lei, tendo fins eugenistas e higienistas (HILDEBRANDT-STRAMANN et al., 2009).

Até 1940, a ginástica predominava como conteúdo da Educação Física escolar. A partir desse momento, com a chegada da Educação Física desportiva generalizada ao Brasil, a situação começa a mudar e o esporte torna-se, progressivamente, o principal representante da Educação Física na escola (AYOUB, 2004). Conforme Bracht (1992), a dança, os jogos e as brincadeiras também fizeram, e fazem, parte da Educação Física escolar. Entretanto, o autor evidencia que esses temas constituem minoria e destaca a

ginástica, e posteriormente, o esporte, como atividades que predominam na Educação Física, nos respectivos momentos históricos.

A ginástica, então, deixa de ser conteúdo predominante da Educação Física escolar e ao longo das décadas vai desaparecendo das escolas, conforme apresenta Ayoub (2004): “Atualmente, a ginástica, como conteúdo de ensino, praticamente não existe mais na escola brasileira. Aulas de Educação Física na escola tem sido sinônimo de aula de esporte, mais ainda: sinônimo de jogar bola”. Corroborando a ideia, estudos têm demonstrado que, mesmo no ensino superior, a ginástica tem perdido espaço. Professores e acadêmicos não têm claros os referenciais teóricos que norteiam o trabalho de ginástica (RINALDI; SOUZA, 2003; PIZANI; SERON; RINALDI, 2009).

Para Hildebrandt-Stramann e colaboradores (2009), o desinteresse pela ginástica na escola explica-se, em parte, pelo desenvolvimento que a ginástica em geral e, especialmente, a ginástica na escola teve ao longo dos tempos. Essa evolução demonstra um processo progressivo da “escolarização”, “desportivização” e de “mercadorização” da ginástica. A perda da popularidade e as dúvidas sobre a legitimidade de fazer da ginástica um objeto das aulas de Educação Física, fazem referências a um problema pedagógico que se expressa no Brasil, a completa negação deste conhecimento, enquanto patrimônio da humanidade nas escolas.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstram a falta de equipamentos nas escolas, bem como ausência de programas, espaços e pessoal especializado, tema aprofundado em alguns estudos (SCHIAVON, 2003; SCHIAVON, 2005). Essas autoras apontaram

que em muitos casos, as escolas realmente não possuem materiais específicos para o ensino da ginástica, entretanto, em alguns casos, os materiais eram utilizados para outros fins, por exemplo, as autoras identificaram em umas das escolas, a utilização de um plinto como mesa na sala da secretaria.

Ademais, os professores parecem remeter sua prática à relação do ambiente com sua função, tornando-se presos à arquitetura escolar, o que dificulta o desenvolvimento destes conteúdos da cultura corporal (HILDEBRANDT-STRAMANN et al., 2009; OLIVEIRA; SILVA; MOREIRA NETO, 2011). Somado a isso, a prática escolar sofre preconceito em relação a sua tradição de orientação militarista e a associação à “ginástica espetacular”. Tais questões, aliadas ao processo de esportivização da cultura corporal, colaboraram para o descarte da ginástica da Educação Física escolar. O tom pejorativo, ou restritivo, com que geralmente muitos professores de Educação Física referem-se à ginástica acaba revelando e reforçando esse preconceito (AYOUB, 2004).

De acordo com a Almeida (2005), o conhecimento da ginástica não se faz presente na escola pública, ou ainda, como enfatiza, “uma ginástica agonizante na escola, mas exaltada nos meios de comunicação de massa” (p.47). Para a autora, a atividade não tem conhecimento alicerçado em uma base teórica consistente, ou ainda a sua prática pedagógica gera um afastamento das condições concretas e objetivas da realidade, não sendo relevante para as necessidades sociais e interesses pessoais.

Nista-Piccolo (1988) já salientava que a ginástica não era praticada nas escolas de modo expressivo, apesar de possuir formas esportivizadas e do conteúdo esportivo ser hegemônico. Rinaldi

e Souza (2003) afirmam que o conteúdo não possui legitimação na escola, apesar de ser defendido por autores como Bracht, Soares, Moreira, Coletivo de Autores, Souza, Barbosa entre outros. De acordo com as autoras, “certamente a ginástica tem o potencial de promover ricas experiências aos educandos, no sentido de possibilitar uma educação comprometida com a relação do homem no mundo e com o mundo (RINALDI; SOUZA, 2003)”.

A importância da Ginástica nas aulas de Educação Física é descrita pelos benefícios que a atividade proporciona aos alunos, contribuindo em todos os aspectos relacionados ao desenvolvimento do comportamento. Cabe ao professor proporcionar possibilidades para que os alunos criem e recriem movimentos, através de várias atividades, baseados em suas próprias histórias corporais, ou adquiridas de outras culturas, a fim de estabelecer afinidades entre a escola, a sociedade, os professores e os próprios alunos (BARCELLOS, 2008).

O relato de Almeida (2005), acerca de investigações realizadas pelo Grupo LEPEL/FACED/UFBA (Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física, Esporte e Lazer da Universidade Federal da Bahia), em uma amostra das escolas públicas da rede estadual de ensino do estado da Bahia, expôs que o conhecimento da Ginástica está sendo negado às crianças e jovens da escola pública. Investigando currículos de formação de professores de Educação Física, a autora encontrou o conhecimento de Ginástica tratado de forma fragmentada e alienado, onde a técnica sobrepõe-se ao caráter social e político da atividade social. Constatou-se também que, nesses currículos, a base teórica da ciência do treinamento, a qual têm alicerce nas ciências

biológicas, é predominante para o trato de seus fundamentos. As proposições metodológicas e os processos avaliativos baseiam-se no desenvolvimento da aptidão física e das competências técnicas. O currículo de formação do professor conserva a característica instrumental dos primeiros cursos de formação de professores, conforme demonstram estudos de Taffarel (1994; 2000) e Cesário (2001), citados por Almeida (2005).

A escola legitima-se, enquanto espaço e tempo de apropriação do recriar e socializar práticas corporais de forma emancipada, mantendo vivo o questionamento sobre os diferentes projetos sociais. Nessa concepção, a ginástica escolar pode ser resignificada estabelecendo relações, como sentidos de saúde, lazer, educação, trabalho e configurando-se enquanto conteúdo escolar que vai além dos padrões que lhe deram uma identidade rígida marcada pela modelagem/adestramento corporal (LORENZINI, 2005).

Ginástica de academia

Verifica-se que, paralelamente à ginástica na escola, tem-se a ginástica em academias. Essa prática vem se tornando cada vez mais valorizada, devido a sua ligação com o consumo, característica marcante na sociedade atual. Hildebrandt-Stramann e colaboradores (2009) afirmam que: “A atual realidade da ginástica na escola encontra-se em direção oposta à sua prática fora da escola.”

Embora a proliferação das academias, por um lado, sinalize uma valorização importante da atividade física, aponta também para uma progressiva transformação das atividades corporais em objeto de consumo com fins lucrativos (BRAUNER, 2007).

A partir da década de 1990, a ginástica sofre mutações, adquirindo novos padrões e significados, frutos das determinações do mercado. Com isso são introduzidos, na formação de professores e nas escolas, conhecimentos e técnicas desprovidas de significado cultural e sentido pessoal. A lógica do consumo tem criado o trato com o conhecimento nos currículos de formação em relação às exigências do mercado. Exemplo típico são as academias de ginástica, onde se destaca a busca incessante por novos métodos de motivar e garantir a permanência da clientela. O conhecimento reproduz-se adotando tecnologias importadas de outros contextos sócio-culturais, em exemplo do *fitness* de origem americana, e o conteúdo da ginástica vai sofrendo mutações à medida que se adequa, cada vez mais, aos padrões estéticos e culturais universalizados (ALMEIDA, 2010).

Deve-se levar em conta que, embora a *indústria do fitness* seja um mercado emergente, sua lógica de crescimento é desigual. Há uma discrepância entre grandes academias, localizadas em áreas centrais e com grande capacidade de inovação, e pequenas academias, situadas em áreas mais periféricas e dependentes do consumo local, reforçando a interferência da lógica consumista no trato da ginástica (PASQUALI; NITERÓI; MASCARENHAS, 2006). A unanimidade alcançada pelo esporte nas sociedades contemporâneas nos leva a crer que ser esportivo e apresentar boa forma física deixam de ser opção, passando a ser imposição social. Cria-se, então, um eficiente ciclo vicioso do hiperconsumo, ligando a valorização demasiada do corpo e das práticas corporais à rápida expansão da indústria do lazer e de materiais esportivos (AYOUB, 2004).

Hansen e Vaz (2004) apresentam resultados de uma pesquisa que se relacionam à presença do treinamento desportivo nas práticas de modelação corporal em academias de ginástica e musculação. Os achados apontam semelhanças da ginástica de academia e musculação com as modalidades esportivas, evidenciadas na grande dedicação de tempo, sacrifícios auto-impostos e na vigilância do corpo por meio de balanças, adipômetros, fitas métricas e por espelhos. É nesse sentido que as práticas corporais, como a musculação e as mais diversas modalidades de ginástica, passam por um processo de esportivização. O sucesso, no entanto, não diz respeito à vitória em competição, ou à quebra de recordes, mas ao rendimento máximo no que se refere ao aperfeiçoamento da forma física.

Os resultados de outra pesquisa de Hansen e Vaz (2006), desenvolvida durante seis meses em duas academias de ginástica e musculação, localizadas em Florianópolis (SC), mostram que a busca obcecada pela forma física idealizada envolve a louvação/desprezo de certas regiões corporais, além de fronteiras simbólicas e materiais que influenciam homens e mulheres na escolha de diferentes práticas. Os dados apontam para a fluidez das relações humanas e fazem pensar em um possível abandono do sujeito.

Passados mais de 30 anos do momento em que se iniciou o processo de proliferação das academias, é natural que surjam propostas de trabalho diferenciadas, especialmente, por se tratar de uma área em que a pesquisa e as novas tecnologias avançam rapidamente (BRAUNER, 2007). Os diferentes tipos de ginástica que têm sido criados, com os mais variados intuitos, revelam ligações com as exigências da esportivização e sintonia com as pressões

da indústria do lazer, o que tem favorecido modismos no campo das práticas corporais. Um exemplo é o crescente aumento do número de academias de ginástica, nas quais as pessoas, comumente, já não sabem se estão lá por opção ou por imposição social (BRACHT, 1992). A Ginástica tem reforçado os estereótipos de corpos presentes na atualidade, uma vez que seu papel primordial tem sido alimentar a “ditadura do corpo ideal” na busca disto como sinônimo de felicidade (AYOUB, 2004).

Venâncio e Carreiro (2005) citam a diversidade de métodos de treinamento para tornar o corpo mais forte e belo, chamando a atenção de forma diferenciada daquela observada nos esportes. São as esculturas musculares que, por meio da ginástica com pesos, tem como objetivos a estética, musculação e o halterofilismo. A estética, em tese, poderia ser alcançada por qualquer pessoa, basta matricular-se em uma academia. O halterofilismo retrata a competição, herdada e adaptada dos jogos da Antiguidade, com os arranques e arremessos, e, por outro lado, as competições mundiais disputadas por movimentos como o supino, levantamento terra e agachamento.

Surtem então nas academias, as diversas modalidades de ginástica como a aeróbica e o *step* e os modernos métodos padronizados de ginástica, que apresentam o mesmo ritmo, a mesma música e o mesmo movimento em qualquer lugar do mundo onde se realizam. Diante dessa variedade de temas e características, o fazer ginástica tornou-se sinônimo de saúde e extrapolou espaços tradicionais, como da escola, ou dos quartéis, assumindo características de uma atividade dirigida aos diferenciados públicos, com apelos econômicos e sociais (VENÂNCIO; CARREIRO, 2005). Neste

contexto, Almeida (2010) sugere que o trabalho pedagógico do professor e o conhecimento ensinado são alienados e fragmentados. Para permanecer atualizado, o professor sente-se obrigado a investir em cursos de métodos, técnicas e materiais que circulam no mercado de consumo. Nesse processo, torna-se evidente a sub-proletarização do trabalho do professor, na venda de sua força de trabalho nas academias, clubes privados e serviços de *personal trainers*.

Alguns artigos evidenciam a ascensão da ginástica de academia, frisando aspectos como novos programas de ginástica e o seu consumo. Dentre eles, destaca-se o de Toledo e Pires (2008), que tem como objetivo trazer algumas informações e reflexões sobre o marketing do *Body Systems*, conhecido e aplicado em grande parte das academias do Brasil. O *Body Systems* é um programa de ginástica, criado na Nova Zelândia em 1980, como parte de *Les Mille World of Fitness*, rede de academias conhecidas naquele país pelo grande número de clientes/alunos que atende desde sua fundação. Foi trazido ao Brasil em 1997, tendo aqui o maior número de praticantes na América Latina, juntamente com Argentina e outros países. A empresa comercializa verdadeiros “kits” de aulas de ginástica, dentre eles: *bodyattack*, *bodybalance*, *bodypump*, *bodycombat*, *bodystep*, entre outros.

De acordo com os autores, os aspectos humanizadores e pedagógicos parecem não estar presentes nessas aulas sistematizadas. Nesse programa, os professores não podem adequar suas aulas às dificuldades e ao ritmo dos alunos (pelo contato ou por processos pedagógicos), por precisarem seguir, rigorosamente, as aulas descritas nas apostilas e ensinadas nos cursos, assim

como não podem sair da posição de “atores e performers”, para corrigir ou dar atenção especial ao aluno com dificuldades. Como o programa apresenta aulas prontas, além de não permitir flexibilização para uma prática adequada aos diferentes perfis de alunos, também desvaloriza a formação, o conhecimento e a capacidade criativa do professor.

Ao estudar os objetivos e as formas de inserção social de métodos para constituir o cidadão moderno, atendendo aos interesses burgueses e à ciência da época, Soares (1994) aponta que há, nesse período, um olhar para o corpo com caráter conservador e utilitário, próprio da ciência, especialmente das ciências biológicas, que fundamentou, e de certa maneira legitimou, esses métodos. Com esses sistemas de aulas prontas, que temos em pleno século XXI, parece não ser diferente. Muitos autores da área da Educação Física posicionam-se de maneira crítica em relação a esse programa. Batista (2006 *apud* Toledo e Pires (2008) aborda a questão da formação do graduando na disciplina ginástica de academia, ressaltando ao futuro professor a importância de uma docência mais humana e pedagógica nessa atuação profissional. Freire (2003) publica diferentes manifestos denominados “*Body Stupid*”, fazendo alusões e críticas ao sistema. Por deficiência dos docentes das disciplinas de ginástica, pelo fato de a grade curricular não agregar essa prática gímnica (de academia), ou ainda pela falta de dedicação e busca dos próprios graduandos pelo conhecimento da área, muitos deixam a graduação sem perspectiva de como entrar no mercado de trabalho e vêem nesses programas a solução para sua capacitação.

Brauner (2007) também faz uma reflexão sobre esses programas de ginástica

ao focar-se na análise do sistema em relação aos procedimentos didáticos para formação dos “instrutores”. A autora cita que a homogeneização das aulas e das técnicas metodológicas impede o necessário resguardo das subjetividades pessoais/profissionais, além de desconsiderar diferenças culturais dos múltiplos espaços onde o sistema se insere. A preocupação reside na passividade dos professores/instrutores diante da proposta didática do programa em relação à formação que os habilitará ao credenciamento como “instrutores do *Body Systems*”. A proposta “didática” desenvolvida por esse sistema de franquias tem como finalidade, em última instância, a venda de um produto pronto para o consumo: aulas de ginástica previamente testadas e garantidas em sua metodologia e eficácia, o que garante também aos professores e/ou proprietários de academias um aumento significativo no número de alunos por aula, conforme documentos veiculados pela mídia. O produto desenvolvido por esses especialistas pode ser, então, identificado como bem de consumo. A não-problematização dessas propostas pressupõe o desenvolvimento de um estado de alienação por que passam a padecer os professores/instrutores vinculados ao sistema.

Conforme apontado por Toledo e Pires (2008), professores de academia começam a ser mais críticos quanto a estes programas da *Body Systems*. Na fase de lançamento do sistema, notava-se um grande entusiasmo por parte de professores e graduandos em atuar com tal prática. Atualmente isso parece diferente, professores já apontam aspectos questionáveis deste sistema. Embora ainda em fase de análise, os dados já apontam que o impacto das aulas do programa na academia já não é mais o

mesmo, não mobilizando mais um número espetacular de alunos. Além disso, os alunos entediavam-se em repetir, por semanas, a mesma aula, até o lançamento da próxima, solicitando em alguns casos ao professor que faça pequenas modificações, ou que retome outras aulas e/ou conteúdos. Muitos, e de naturezas distintas, parecem ser os motivos de adesão de professores e alunos a esse programa. Embora comemore mais de dez anos no Brasil, o que de certa forma coroa sua estruturação e marketing, de maneira geral, professores, pesquisadores e alunos mostram-se melhor informados e críticos em relação ao sistema e isso vem ficando claro por depoimentos, publicações, índices de adesão (por alunos, professores e academias), entre outros indicativos. Essa discussão, sem dúvida, mereceria um número maior de pesquisas e reflexões mais aprofundadas.

Propostas para a ginástica na escola e na academia

Nos últimos anos, certos autores têm se dedicado a desenvolver e aplicar algumas propostas de ensino da ginástica na escola. Uma das propostas com maior embasamento teórico é a proposta de Ginástica Geral, a qual, segundo Souza (1997), pressupõe a valorização e o respeito às tradições e à cultura dos povos, ampliando ilimitadamente as expressões possíveis nessa área.

Dentre as amplas possibilidades em sua prática, a Ginástica Geral compreende as seguintes atividades: ginástica e dança, exercícios com aparelhos e jogos. Uma característica importante dessa modalidade é a ausência de competição, resultando no número ilimitado de participantes. Segundo

Oliveira e Porpino (2010), a ginástica é um conteúdo que desafia os alunos, estimulando a descoberta e construção de novos saberes. Um dos principais motivos de defesa desta manifestação da ginástica na escola é que a mesma: “traz consigo a possibilidade de realizarmos uma reconstrução da ginástica na Educação Física escolar numa perspectiva de “confronto” e síntese e, também, numa perspectiva lúdica, criativa e participativa (AYOUB, 2004)”.

Diversos autores destacam o trabalho realizado pelo Grupo Ginástico UNICAMP (GGU). O grupo, segundo Souza (1997), foi criado na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, em 1989, como projeto de extensão, com intuito de integrar a Ginástica Artística, Rítmica e a Dança, em uma proposta de Ginástica Geral. Conforme apresenta Ayoub (2004), o GGU, reconhecido internacionalmente, pode ser ressaltado como ação significativa para o desenvolvimento da Ginástica Geral no Brasil, especialmente por seu caráter inovador e, também por constituir importante referência para a área da Ginástica Geral.

Ayoub (2004) acredita na possibilidade de projetar, por meio da ginástica geral, a imagem de uma ginástica contemporânea que privilegie, acima de tudo, nossa dimensão humana e que crie espaço para o componente lúdico da cultura corporal, redescobrimdo o prazer, a inteireza e a técnica-arte da linguagem corporal. Seguramente, a Educação Física escolar pode se constituir em um dos espaços mais significativos para o seu desenvolvimento dessa proposta. Acreditando nisso, o GGU imaginou um projeto de Ginástica Geral na escola. A autora acredita que a Ginástica Geral possa ser reconhecida como o caminho mais apropriado, e talvez o mais

ousado, para reconstruir e recriar a ginástica na escola.

Em relação à ginástica na academia, Toledo e Pires (2008) acreditam que a academia possa cada vez mais ser um espaço das possibilidades, um local em que a diversidade humana tenha espaço, em que as especificidades culturais não sejam descartadas como coisas sem importância, assim como quase tudo aquilo que não é globalizado e não está na moda. Que a academia possa ser um espaço de encontro, alegria e prazer pela prática da atividade física, em que a palavra saúde não seja, necessariamente, associada à doença, e a ginástica, portanto, à sua cura, mas sim, à promoção do bem-estar e da autonomia do indivíduo. Um local onde não sejamos “silhuetas sempre de passagem, indivíduos reduzidos a turistas, organismos liberados de seu patrimônio cultural e genético, incessantemente ameaçados pelo risco do descarte e do isolamento (SANT’ANNA, 2001)”.

Para Marcellino (2003), as academias de ginástica são espaços específicos de lazer, seja do ponto de vista de organização e funcionamento, seja na representação de seus frequentadores. O autor ressalta que as academias são espaços de vivência cultural e convivência. Brauner (2007) entende que os estudos sobre as práticas pedagógicas, realizadas no âmbito das academias, deverão orientar-se também por pressupostos de natureza humanista, como instrumento de esclarecimento para os professores sobre sua participação na construção histórico-cultural do processo de trabalho no qual estão imersos e a partir do qual alcançarão sua autonomia/emancipação. Partindo de um movimento de diálogo, entre a técnica e o contexto histórico-cultural, o professor teria autonomia para se reapropriar dos

saberes efetivamente significativos que conferirão às práticas um determinado sentido. A possibilidade de reflexão sobre a prática resgata uma dimensão que pode ir além do círculo mercadológico, do repetitivo, levando a um processo realmente formativo.

CONCLUSÕES

Entende-se que a ginástica escolar e a ginástica de academia vivem um momento distinto, havendo tímida presença, ou ausência, da ginástica na escola e ascensão da ginástica de academia. Essa situação gera uma reflexão acerca dos conteúdos da ginástica, os quais devem ser ampliados nos cursos de formação inicial em Educação Física, tanto em disciplinas do curso, como em atividades complementares ou práticas supervisionadas. Os profissionais que iniciam o trabalho de ginástica na escola não estão, na maioria das vezes, capacitados para esta função. Além disso, os currículos não têm acompanhado a dinâmica da construção histórica do universo de conhecimento da área da Ginástica. Os docentes têm apresentado uma visão tecnicista, com dificuldade para visualizar os aspectos pedagógicos da ginástica.

Desta forma, torna-se evidente a relevância da construção de competências pedagógicas na formação inicial dos profissionais de Educação Física, a fim de que se possibilite aos acadêmicos, futuros professores, finalizar a graduação com os conhecimentos necessários para desenvolver com qualidade e segurança o trabalho de ginástica, independentemente do contexto.

Algumas pistas apontadas pelos autores referenciados neste artigo reforçam a necessidade de que a ginástica escolar

amplie seu significado, estabelecendo relações mais próximas com a saúde, lazer, educação, trabalho e configure-se como conteúdo escolar que vai além do adestramento corporal. Encaminhamentos para a ginástica de academia são levantados, no sentido de que essa prática tenha um sentido mais humanista e emancipatório.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.S. **A ginástica na escola e na formação de professores**. Campinas, 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.
- AYOUB, E. **Ginástica geral e Educação Física escolar**. Campinas: Unicamp, 2004. 136 p.
- BARCELLOS, V.R. **Necessidades de formação dos professores de Educação Física do ensino fundamental, relacionadas à ginástica como conteúdo escolar**. Lisboa, 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2008.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992. 122 p.
- BRAUNER, V.L.P. Novos sistemas de aulas de ginástica: procedimentos didáticos (?) na formação dos professores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.28, n.2, p.211-219, 2007.
- FREIRE, J.B.B. **Body stupid**. De Corpo Inteiro fev. 2003. Disponível em: <http://www.decorpointeiro.com.br/stupid_01.htm> Acesso em: 20 set. 2009.
- HANSEN, R.; VAZ, A.F. “Sarados” e “gostosas” entre alguns outros: aspectos da educação de corpos masculinos e femininos em academias de ginástica e musculação. **Movimento**, v.12, n.1, p.133-152, 2006.
- HANSEN, R.; VAZ, A.F. Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.26, n.1, p.135-152, 2004.
- HILDEBRANDT-STRAMANN, R.; TAFFAREL, C.N.Z.; ESCOBAR, M.O.; ALMEIDA, R.S.; PARAÍSO, C.; CRUZ, A. **Ginástica na escola: um diálogo crítico entre professores da Alemanha e do Brasil**. Rascunho Digital. 10 ago. .2009. Disponível em: <<http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=404>>. Acesso em: 20 set. 2009.
- LORENZINI, A.R. O conteúdo ginástica em aulas de Educação Física escolar, p. 189- 205, In SOUZA JÚNIOR, Marcílio (org). **Educação Física Escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, 2005. 239 p.
- MARCELLINO, N.C. Academias de ginástica como opção de lazer. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 11, n. 2, p. 49-54, 2003.
- MARINHO, I.P. **História da Educação Física e dos Desportos no Brasil**. Brasil-Colônia - Brasil Império - Brasil República. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1954.
- NISTA-PICCOLO, V.L. **Atividades físicas como proposta educacional para 1ª fase do 1º grau**. 1988. 177f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, UNICAMP, Campinas, 1988.

- OLIVEIRA, F.; SILVA, L.O.E.; MOLINA NETO, V. Arquitetura escolar e o ensino de Educação Física: relações (im) possíveis. **Pensar a Prática**, v.14, n.2, p.1-10, 2011.
- OLIVEIRA, G.M.; PORPINO, K.O. Ginástica rítmica e Educação Física escolar: perspectivas críticas em discussão. **Pensar a Prática**, v.13, n.2, p.1-18, 2010.
- PASQUALI, D.; NITERÓI, R.; MASCARENHAS, F. A indústria do fitness e seu desenvolvimento desigual: um estudo sobre as academias de ginástica na cidade de Goiânia. **Pensar a Prática**, v.14, n.2, p.1-15, 2011.
- PIZANI, J.; SERON, V.; RINALDI, I.P.B. Formação inicial em Educação Física na cidade de Maringá: a ginástica geral em questão. **Motriz**, v.15, n.4, p.900-910, 2009.
- RINALDI, I.P.B.; SOUZA, E.P.M. A ginástica no percurso escolar dos ingressantes dos cursos de licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá e da Universidade Estadual de Campinas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 24, n. 3, p.159-173, 2003.
- SANT'ANNA, D.B. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 127 p.
- SCHIAVON, L. M. **O projeto Crescendo com a Ginástica: uma possibilidade na escola**, 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.
- SCHIAVON, L. M. Materiais alternativos para a Ginástica Artística. p. 169-181. In: NUNOMURA, M; NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). **Compreendendo a Ginástica Artística**. São Paulo: Phorte, 2005,
- SOARES, C.L. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994. 167 p.
- SOUZA, E.P.M. **Ginástica geral: uma área do conhecimento da Educação Física**. Campinas, 1997. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.
- TOLEDO, E.; PIRES, F.R. Sorria! Marketing e consumo dos programas de ginástica de academia. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.29, n.3, p.41-56, 2008.
- VENÂNCIO, L.; CARREIRO, E.A. Ginástica, p. 227-243, In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. (coord.). **Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2005. 293 p.

GYMNASTICS IN BRAZIL: absence at school x rise at gym

ABSTRACT

As a manifestation of physical culture and essential content of Physical Education courses, Gymnastics has been extinguished from Physical Education classes in Brazil, and has been increasing in the gyms. This study aims to reflect about Gymnastics in schools and gyms, looking for explanations for these unwanted directions taken in Brazil. It is worrying that Physical Education in Brazilian schools have its classes based mainly in sports, leaving other issues body body culture aside. It is also uncomfortable the bond of fitness center with the characteristic of the current consumption society. The curricula have not kept up with the historical construction of the gymnastics knowledge. Teachers have demonstrated a narrow vision and have showed difficulty using gymnastics pedagogical aspects. Therefore expand the approach of gymnastics content in Physical Education undergraduate courses is urgent.

Keywords: Gymnastics; Physical Education; Fitness Centers

GINNASIA EN BRASIL: la ausencia en la escuela x aumento en el gimnasio

RESUMEN

La gimnasia, como manifestación de la cultura corporal y contenido fundamental de la Educación Física, viene perdiendo espacio en las clases de Educación Física escolar en el Brasil y creciendo en los gimnasios. Por lo tanto, la presente investigación tiene por objetivo generar reflexiones con relación a la gimnasia en el ambiente escolar y los gimnasios, buscando explicaciones para estos rumbos indeseados tomados en Brasil. Es preocupante el hecho que la Educación Física escolar brasileira restrinja su contenido al deporte, dejando de lado la gimnasia y otros temas como la cultura corporal. Es también incómodo el vínculo de la gimnasia practicada en los gimnasios con el consumo que caracteriza a la sociedad actual. Los planes de enseñanza no han seguido la dinámica de la construcción histórica de la área del conocimiento de la gimnasia. Los maestros han presentado una visión restringida, con dificultades de aplicación de los aspectos pedagógicos de la gimnasia. En este sentido, es urgente ampliar el enfoque del contenido de gimnasia en los cursos de formación inicial en Educación Física.

Palabras clave: Gimnasia; Educación Física; Escuela; Gimnasios

Recebido em: fevereiro/2016

Aprovado: abril/2016